

Zaqueu, o Publicano: Atitude e Fé para a Mudança

Clodoaldo da Silva Almeida <aldoalmeida72@gmail.com>

Leandro de Melo Ferreira <leomelos@yahoo.com.br>

Maria Auxiliadora Gonçalves de Melo <doragmelo@hotmail.com>

Mesullam d'Alcântara Rebello <mesullam.rebello@uol.com.br>

Renzo Luiz de Castro Costa <renzzoluiz@hotmail.com>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – A história de Zaqueu revelada por Lucas traz à tona a necessidade de discussão do emprego adequado dos bens materiais para a obra de Deus, ou de outro modo, de que maneira podemos equilibrar o usufruto do próprio conforto material às diversas possibilidades de auxiliar àqueles que nos cercam para o necessário acesso ao trabalho e ao progresso familiar. Nossa principal motivação foi compreender os ensinamentos trazidos a partir da história do encontro de Zaqueu e Jesus, naquele contexto, e como esta lição pode contribuir para nossa reforma íntima na atualidade. Por outro lado, buscou-se compreender de que maneira Jesus permitiu a conversão do chefe dos publicanos de Jericó. O ponto de partida para a análise foi a Bíblia de Jerusalém, além de diversas obras da literatura espírita que abordaram tão relevante tema. Apresenta-se também uma reflexão de como esta pesquisa contribuiu para o entendimento de cada participante na construção de uma nova perspectiva para a busca individual da reforma íntima. Conclui-se que a busca do equilíbrio em relação ao valor que damos aos recursos financeiros em nossas vidas é tarefa imperiosa e o modo como são empregados estes recursos devem ser constantemente avaliados, pois são, na verdade, empréstimos de Deus. Entendemos que, na história de Zaqueu, a Lei do Amor pode estabelecer novos padrões de conduta e dessa maneira contribuir com a mudança sobre a realidade ao nosso redor e a partir disso, possam nos servir de estímulo constante para aplicabilidade em nosso cotidiano, garantindo nossa contínua reforma íntima.

Palavras chave: Publicano. Reforma Íntima. Conduta Moral.

1. INTRODUÇÃO

E, tendo entrado em Jericó, ele atravessa a cidade. Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era muito rico e chefe dos publicanos. Procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. Correu então à frente e subiu num sicomoro para ver Jesus que passaria por ali. (Lucas, 19 1-6.)

Este trabalho é fruto de pesquisa realizada no grupo de Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita – EADE, da Fundação Allan Kardec – FAK, para ser apresentado no VI Simpósio – FAK, evento realizado bianualmente, desde 2009, visando ao compartilhamento de conhecimentos e reflexões deste grupo com a coletividade kardeciana. A principal motivação foi nossa necessidade de reflexão sobre a transformação do ser humano a partir da aproximação e vivência dos ensinamentos de Jesus, extraídos dos relatos evangélicos contidos na bíblia [1] e em literatura espírita [2,10,12]. Nosso objetivo é compreender o significado da atitude de Jesus, em relação a Zaqueu, naquele contexto, e como esta lição pode contribuir para nossa reforma íntima na atualidade.

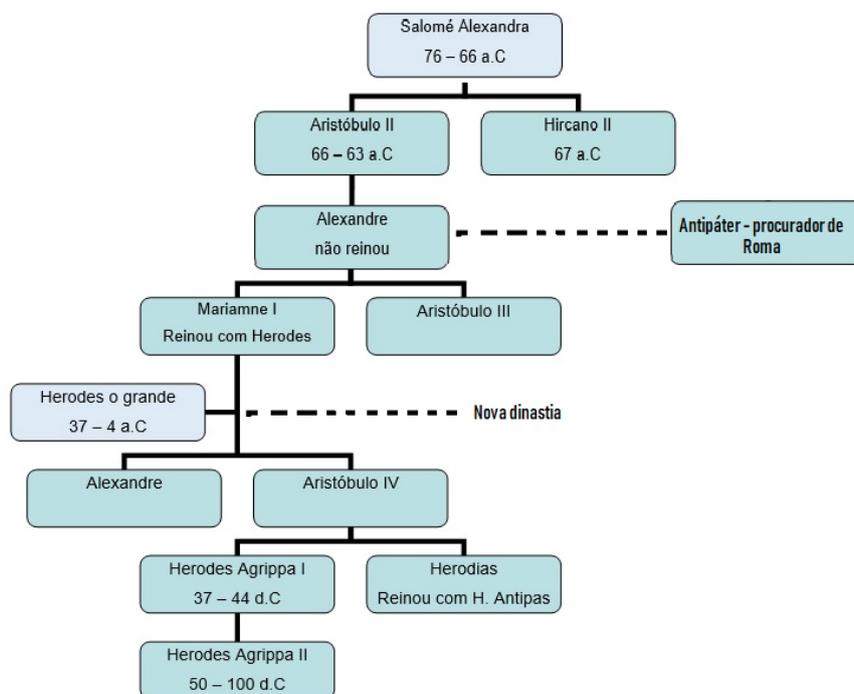
As injustiças sociais, tal como no passado, trazem ainda hoje, diversas discussões sobre o papel daqueles que, tendo acesso a bens materiais, não os colocam a serviço da prática do bem. O valor desmedido que se dá aos bens materiais; os possíveis desvios de conduta; o poder discricionário do uso de violência para que uma ação de cobrança tenha êxito; enfim, as relações que este personagem, o publicano, e sua comunidade estabeleciam, são confrontadas na narrativa desse evento.

Essa contextualização nos permite analisar como o grupo de discípulos julgava a atitude do Mestre Nazareno, neste episódio cheio de simbolismo, e que contribui para refletir sobre a necessária reforma íntima dos homens. Quais eram as dúvidas existentes nos corações daqueles que ombreavam os caminhos do Divino Mestre? Já estavam preparados para o entendimento de tão profundo ensinamento? Compreenderam a força da iniciativa de Zaqueu em buscar a sua melhoria interior?

2. JUDÉIA: CENÁRIO SÓCIOPOLÍTICO E ECONÔMICO

Para melhor compreensão de nosso estudo, acreditamos ser importante o entendimento do cenário de revolta política e religiosa na Judéia do Século I (Figura 1). Naquele contexto, o cenário apresentado nos revela o modelo econômico da região e como a sociedade estava organizada, permitindo-nos fazer uma breve análise de como era o ambiente onde ocorreu o encontro entre Jesus e Zaqueu. A Judéia, era área geográfica que se situava em uma estreita faixa de terra que tinha como delimitação: ao Norte, o Mar da Galiléia; ao Sul, o Mar Morto; a Leste, o rio Jordão e a Oeste, o mar mediterrâneo [3], terras que hoje compreendem em grande parte o Estado de Israel.

Figura 1 – Cenário político da Judéia



No período anterior a vinda de Cristo, a região era governada por Salomé Alexandre, durante a Dinastia dos Asmoneus (Figura 1), e no ano 67 a.C, com a morte da Rainha, teve início uma disputa de poder entre seus filhos (Hircano II e Aristóbulo). Aristóbulo assumiu o reino, mas o General Pompeu auxiliou Hircano II à retomada do poder na Judeia. Entretanto, o Imperador Julio César promoveu o enfraquecimento dos poderes de Hircano II, nomeando um Indumeu chamado Antípater ao cargo de procurador de Roma. Posteriormente, Hircano II foi exilado e um dos filhos de Antipater, Herodes, casou-se com a princesa Mariana (Asmonéia), conseguindo assim ser nomeado Rei da Judeia, fundando uma nova dinastia, que manteve a região com mão de ferro, eliminando qualquer concorrente ao trono, incluindo seus próprios filhos, e manteve relativa independência por mais algum tempo [4].

Assim, Herodes, governou a Samaria, Indumeia, Galileia, Pereia e outras regiões. Como possuía um perfil de grande construtor de obras, que impactavam pela suntuosidade, adotou uma política de elevação de impostos [4]. Em contrapartida, imagina-se que estas obras deveriam gerar

muitos empregos às populações daquela região e com o aquecimento da economia, os romanos reforçaram suas pressões militares; e a partir dos anos 6 até 45 d.C, essas regiões foram administradas diretamente por procuradores romanos, que eram ligados diretamente ao imperador e com isso detinham poderes civis, militares e jurídicos [3].

Embora Roma tivesse mantido as estruturas locais anteriores e tolerado a idiossincrasia judaica, no que se refere a diversos aspectos culturais, a dominação romana implicou a progressiva romanização e helenização de parte do povo judeu. Nesse período, houve a elevação crescente de impostos diretos e indiretos, fazendo aumentar os movimentos de resistência armada, representada pelos zelotes, seita e partido político judaico, que pregava a desobediência civil e o não pagamento de impostos [3].

Neste contexto, surgiu um dos mais famosos agitadores civis, o zelote conhecido por Yehudá, que, com a frase “*Nenhum outro senhor além de Deus*”, pregava uma “guerra santa” contra os romanos, sendo seguido por grande parte dos fariseus que viam no dízimo o único imposto a ser pago [5].

Importante destacar que a sociedade era dividida em grupos socioeconômicos e políticos bem distintos, na qual os mais abastados eram grandes proprietários de terra, comerciantes, sacerdotes do alto clero; a classe média era composta por sacerdotes de pequenas comunidades, pequenos e médios comerciantes e proprietários rurais; enquanto a menor classe era composta de trabalhadores avulsos, seja no campo ou nas cidades, além dos miseráveis, mendigos, escravos ou excluídos sociais [3].

Em relação ao aspecto tributário, os romanos impuseram o *publicum* ou *portorium*, ou seja, um imposto que incidia sobre a compra e venda de qualquer produto, mesmo sendo de primeira necessidade. Para arrecadar esse tipo de imposto havia os *publicani* ou *Publicanos*, servidores do Estado Romano para os quais era dado o direito de arrecadação do imposto em determinada área. Os publicanos podiam arrendar para terceiros a cobrança nas áreas menores e estes servidores por sua vez poderiam contratar pessoal para o serviço de arrecadação. Assim, com essa estrutura foi possível cobrir cada parte de sua área de jurisdição, sendo comum a ocorrência de cobranças abusivas [6].

Assim, foi neste cenário de grande prosperidade para alguns e pressão econômica para a maioria da população que ocorreu os acontecimentos entre Zaqueu e Jesus, na cidade de Jericó, relevante e simbólica cidade em que o Publicano e sua família residiam. Vale ressaltar que todos estes componentes nos auxiliam a entender a reação dos discípulos ao relutarem em seguir o Mestre quando ia pousar na casa de um Publicano.

Esclarecendo melhor, Jericó em árabe é conhecida como Ārīḥā; em hebraico Yəriḥo. É uma cidade antiga com mais de 10.000 anos, segundo alguns pesquisadores, e está situada às margens do rio Jordão, numa região que leva à serra de Judá, situada a 8 Km da costa setentrional, da parte seca do Mar Morto. Vale ressaltar que Jericó está distante apenas 27 km de Jerusalém, porém com uma grande diferença de altimetria, cerca de 240m abaixo do nível do Mar Mediterrâneo. No século I, possuía uma vasta área verde com plantações de cereais, além de possuir muitas videiras, figueiras, tamareiras e palmeiras [7].

No velho testamento, Jericó é citada como a cidade dos filisteus, a quem coube a Josué conquistar, e após sua conquista por Josué, este a amaldiçoou, proibindo reconstruir os muros da cidade e de fazer uso de qualquer espólio (ouro, prata, bronze) (Josué 6:17-27).

No entanto, no novo testamento, vemos a citação de Jericó na cura de dois cegos simultaneamente, (Mateus 20:29); do cego Bartimeu (Marcos, 10:46, Lucas: 18:35); e na parábola do bom samaritano (Lucas 10:30-37). Depreende-se então que a cidade de Jericó era vista com preconceito pela população de outras cidades e provavelmente com grande reserva pelos discípulos, e que naquela ocasião seriam mais uma vez chamados a fortalecer a sua fé, a partir do ensinamento do Mestre.

3. Zaqueu, o publicano de Jericó

No período do ministério de Jesus, Jericó “nova” estava recém construída por Herodes, e ficava próxima da Jericó “antiga” [8]. Era uma cidade pujante em que o comércio era muito forte; logo, a arrecadação de impostos também deveria ser robusta. O Chefe dos publicanos da Região deveria ser bastante rico e morar em suntuosa casa, adornada ao estilo helenístico, conforme os costumes à época das casas israelitas abastadas [9].

Zaqueu era Israelita e, conforme a estrutura administrativa e legal de Roma, os *Publicani* eram escolhidos a partir de um Leilão (algo semelhante aos atuais processos de licitação). O vencedor antecipava então a Roma o montante do lance e obtinha com isso o direito de arrecadação. Assim sendo, o excesso que obtivesse para além do montante pago era, de direito, do publicano [6]. Neste contexto, infere-se que o candidato a publicano já deveria possuir recursos financeiros suficientes antes mesmo de iniciar a atividade de arrecadador de impostos.

Os relatos caracterizam Zaqueu como homem de baixa estatura, era casado, tinha filhos, e uma posição econômica confortável; entretanto, por conta de sua atividade econômica, era marginalizado pela Comunidade Judáica, que o tinha como traidor da pátria, por ser representante de Roma; por ser o coordenador de uma equipe de coletores de impostos que no exercício de sua atividade poderia utilizar de truculência para obtenção do imposto; por não observar a Lei Mosaica, que tinha no Dízimo o único imposto aceitável aos olhos dos Israelitas; e morava em uma cidade, na qual seus habitantes sofriam preconceitos religiosos por viverem ali [10].

Naquele contexto, temos como hipótese, que apesar do conforto material que usufruía em seu cotidiano, Zaqueu não desfrutava do mesmo conforto no campo moral e social. Sua esposa e filhos poderiam sofrer reproches da mesma forma que ele? Sua convivência social estaria restrita aos demais publicanos daquela cidade e região? Sentiria em seu íntimo o peso da solidão que aquele isolamento social trazia a si próprio e a sua família? Imaginaria a possibilidade de, com o dinheiro arrecadado, sair daquele ambiente e buscar vida nova em outra cidade distante? Todas essas conjecturas poderiam estar na mente de um coletor de impostos, na Judéia daquela época, se, como Zaqueu, tivessem sido tocados pelo arrependimento e vontade de mudança.

Para o chefe dos publicanos de Jericó, entretanto, havia alguns anos começado internamente um processo de reflexão profunda, e estabelecido para si uma maneira de compensar as atitudes reprováveis que tivera no passado. Resolvera investir seus recursos na própria comunidade, passando a desenvolver várias outras atividades no campo da agricultura, da criação de ovelhas entre outras atividades, e contratando mão de obra local e até das cidades próximas [10].

4. O MOMENTO DA MUDANÇA

O período de maturação e reflexão das idéias de reforma íntima do chefe publicano eram reforçadas pelas histórias que estava ouvindo, que um certo galileu vinha operando milagres nas cidades circunvizinhas; escutou sobre a diferença de atitudes que aquele Rabi tinha em relação aos demais; dizia-se que entre seus discípulos havia até um ex publicano, e este detalhe o deve ter motivado a refletir que a hora de obter respostas as suas questões íntimas havia chegado.

Em dado momento, o publicano principal de Jericó escutou que o Rabi da Galiléia estava se aproximando da cidade e imaginou que seria muito bom ter a possibilidade de obter maiores informações a respeito daquilo que aquele diferente rabi estava pregando.

Ao ser informado que Jesus estava entrando na cidade, procurou aproximar-se, percebeu então grande multidão a acompanhá-lo e que seria bastante difícil que Jesus pudesse vê-lo, dada sua baixa estatura. Avistou ao longe um sícomoro, que ficava na direção onde passaria o grupo que acompanhava

o Mestre; não titubeou, correu e subiu na árvore que produz figos, de raízes profundas, troncos firmes e galhos resistentes; subiu e observou de longe a figura nobre e simples, sentindo-se inexplicavelmente atraído por tão notável personagem. Ao se aproximar da árvore, O mestre levanta o olhar e, como se já o conhecesse há bastante tempo, dirigiu-lhe a palavra [10]:

Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa. Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. (Lucas, 19:5-6)

Sentido uma estranha alegria, desceu e dirigiu-se a sua casa para as providências necessárias para receber o Mestre da Galileia, querendo entender: como tinha sido escolhido? Como sua família reagiria ao saber de tão inusitado acontecimento? Teriam suas preces alcançado o Eterno? Como receberia o grupo em sua casa? Que providências deveriam ser tomadas para que tudo ocorresse a contento? Com o coração transbordando em júbilo, dirigiu-se apressadamente a sua casa [10].

As pessoas ao redor de Jesus foram tomadas de espanto e perplexidade. Os fariseus comentavam abertamente entre si que era um despautério enorme um rabi entrar na casa de um publicano, revelando todo o desprezo que tinham por Zaqueu e tudo o que ele representava. Ato contínuo, destilavam desconfiança sobre a atuação do Rabi da Galileia entre a multidão que o seguia [1].

Entre os discípulos, veladamente as discussões e questionamentos aumentavam. Aliado ao fato de Jesus ter pedido pousada na casa de Zaqueu, um publicano, os discípulos traziam questões mal resolvidas sobre a condenação das riquezas materiais que estavam ainda bastante arraigadas entre a comitiva do Nazareno. Tadeu entendia que era desejável que os seguidores do mestre entregassem todos os bens aos necessitados; Felipe afirmava que ninguém deveria possuir mais que uma camisa, e que todo o resto deveria ser dividido com os que nada tinham; Levi apontava a necessidade de melhor investigar às pessoas que viessem pedir ajuda, pois poderia tratar-se de impostores, já que conhecia em seu ofício do passado este tipo de artimanha; Pedro redarguia que ainda que todas essas questões fossem verdade, os verdadeiramente desamparados eram atendidos em suas necessidades [10]. A atuação de Jesus não tinha precedentes na história de Israel, nenhum profeta até aquele momento agira da mesma forma que ele [11].

A Sociedade Judaica no século I era implacável. Dividida em castas, tinham nos fariseus a representação do “orgulho da raça”; eram conhecidos pelo rigor na observação da Lei Mosaica e pela distância que mantinham das demais classes; consideravam-se superiores aos demais grupos sociais.

Os Publicanos (cobradores de impostos) eram tidos como traidores e inescrupulosos, e apesar de terem acesso a grandes recursos, eram desprezados socialmente; portanto, ser visto na companhia de um publicano era considerado desonroso [12].

Entretanto, Jesus via as pessoas além das aparências, percebia o gérmen da boa vontade para a reforma interior. Não se intimidava com a pressão da opinião pública, principalmente a dos fariseus, entre os quais combatia a hipocrisia, com rigor, e até mesmo entre seus próprios discípulos, aos quais oportunizava a cada instante o encontro com a verdade libertadora em suas orientações e atos [12].

5. O ENSINAMENTO DA CASA DE ZAQUEU

Ao final de extensa atividade de orientações e curas, o Divino Rabi dirigiu-se à casa do seu anfitrião, sendo seguido por sua comitiva, e ao entrar no pórtico da suntuosa mansão, foram recebidos e levados ao umbral da casa, sendo acolhidos, com esfuziante alegria por Zaqueu. Aproximava-se o crepúsculo e o senhor da casa mandou servir aos convidados uma leve refeição, sentando-se com eles sob um vasto alpendre para celebrar tão auspicioso acontecimento. Entre conversas e acepipes, Jesus ia explicando o teor da nova doutrina que pretendia fazer cumprir a verdadeira Lei de Deus. Com o

coração tocado com as boas novas trazidas pelo Rabi da Galileia, Zaqueu iniciou emocionada explanação. Ao final de sua prédica, revelou seu desiderato [10]:

Senhor, eis que dou metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo. Jesus lhe respondeu: Hoje a salvação entrou nesta casa, por que ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido (Lucas, 19:8-10).

O Rabi da Galileia abraçou o emocionado publicano, alguns discípulos, entretanto, ainda não conseguiam entender a afabilidade do Divino Mestre, aferrados que estavam ainda pela Lei Mosaica. Filipe e Simão se entreolhavam com dúvidas estampadas nos rostos. Ao final do abraço, Zaqueu foi buscar seus filhos para comunicar a sua decisão e trazê-los para apresentar a nova comunidade de amigos que estavam agora fazendo parte [10].

Neste momento, enquanto aguardavam o retorno do anfitrião, passaram a discutir entre si e perguntar várias coisas à Jesus. Não seria uma contradição aprovar os atos de um rico, Publicano e pecador? A acumulação de riquezas não deveria ser condenada no novo Reino que estava por vir? Por que não escolher a casa de um aldeão humilde? Jesus então iniciou profunda reflexão e ensinamento [10].

Amigos, acreditais, porventura, que o Evangelho tenha vindo ao mundo para transformar todos os homens em miseráveis mendigos? Qual a esmola maior: a que socorre as necessidades de um dia ou a que adota providências para uma vida inteira? No mundo vivem os que entesouram na Terra e os que entesouram no Céu. Os primeiros escondem suas possibilidades no cofre da ambição e do egoísmo e, por vezes, atiram moedas douradas ao faminto que passa, procurando livrar-se de sua presença; os segundos ligam suas existências a vidas numerosas, fazendo de seus servos e dos auxiliares de esforços a continuação de sua própria família. Estes últimos sabem empregar o sagrado depósito de Deus e são seus mordomos fiéis, à face do mundo.

Maravilhados com tão profunda explicação, emocionaram-se todos, e ainda espantado com tanta sabedoria Filipe exclamou [10]:

Senhor, eu não compreendia bem, porque trazia o meu pensamento fixado nos pobres que a vossa bondade nos ensinou a amar.

Entretanto, Filipe, elucidou o Mestre Nazareno, “é necessário não nos perdermos em viciações do sentimento. Nunca ouviste falar numa terra pobre, numa árvore pobre, em animais desamparados? E acima de tudo, nesses quadros da natureza a que Zaqueu procura atender, não vês o homem, nosso irmão? Qual será o mais infeliz: o mendigo sem responsabilidade, a não ser a de sua própria manutenção, ou um pai carregado de filhinhos a lhe pedirem pão?”

Como André o observasse, com grande brilho nos olhos, maravilhado com as suas explicações, o Mestre acentuou:

— Sim, amigos! ditosos os que repartirem os seus bens com os pobres; mas, bem-aventurados também os que consagrarem suas possibilidades aos movimentos da vida, cientes de que o mundo é um grande necessitado, e que sabem, assim, servir a Deus com as riquezas que lhes foram confiadas!

Passado breve lapso de tempo, retornou o anfitrião acompanhado de seus filhos, e com orgulho e alegria os apresentou a todos os presentes na comitiva do Rabi da Galileia. Radiante de alegria, convidou-os a tornarem à mesa para servir o prato principal; e Jesus sentou com eles e partiu o pão compartilhando o júbilo daquele homem que estava perdido e havia sido encontrado e renovado.

Em toda a propriedade havia festa, e aquela noite ficaria memorável no coração de muitos. Crianças, velhos e trabalhadores das propriedades das redondezas divertiam-se ao som harmonioso de flautas e outros instrumentos [10]. Em meio aos festejos, Jesus aproveitou para consolidar seu ensinamento na casa de Zaqueu e iniciou a narrativa da Parábola dos Talentos e ao final enternecido pronunciava a sentença “Bem aventurado sejas tu, servo bom e fiel” [10].

Os registros da história de Zaqueu nos evangelhos nos permitiram conhecer sobre o perfil moral desse personagem e aprofundar o entendimento das suas atitudes em buscar sua reforma íntima, motivado pela presença do Mestre Galileu em sua casa [1,10,11,12].

Um dos ensinamentos que se extrai dessa história é o de enfrentar os obstáculos que surgirem em nossas vidas, abrindo nossos corações e mentes para seguir a verdade sem perder a fé. Zaqueu nos ensina que todo pecador pode regenerar-se e que o despertar para o bem depende do esforço que empreendemos. Nesta passagem evangélica, o personagem Zaqueu, que tinha baixa estatura, utiliza de sua astúcia e estratégia para conseguir contato com o profeta Galileu, e ainda que o chefe dos publicanos tivesse posição de destaque na comunidade romana, com muitos recursos materiais e poder administrativo, subiu em uma árvore de figueira brava (sicômoro) à espera da passagem do Rabi da Galileia [1,10,11,12]. Zaqueu foi em busca de superar os obstáculos para se aproximar de Jesus. Ele não perdeu tempo em lamentações e conseguiu enxergar no Mestre um caminho para a sua regeneração.

Além da motivadora coragem que o chefe publicano demonstrou em ir até o Mestre, revelou também perseverança em não aceitar os reproches e ofensas destiladas por seus opositores e detratores fariseus, concentrando-se naquilo que era mais importante: a presença do profeta Galileu em sua casa a trazer as orientações para a mudança que ele tanto queria em sua vida. Dessa mesma forma, precisamos ter confiança e determinação para seguir os ensinamentos do Cristo em nosso cotidiano e promover a reforma íntima [1,10,11,12].

Jesus encontrou ressonância no coração de Zaqueu para a sua Boa Nova. O despertar para o bem já havia iniciado e Zaqueu sentia necessidade de conhecer Jesus. Precisamos nos questionar se abrimos a nossa casa para Jesus. Ele nos visita constantemente, sua misericórdia nos protege e ampara. Estamos receptivos a Jesus?

6. APRENDIZADOS

A partir destas análises, os autores sentiram a necessidade de relatarmos suas impressões e o que aprenderam com a história relatada pelos discípulos sobre o Publicano de Jericó. A pesquisa contribuiu para uma reflexão sobre nossas próprias limitações, enquanto estudantes da Casa Espírita, avaliando que ainda trazemos conosco grandes dificuldades na aplicação das virtudes demonstradas por Zaqueu. A pergunta nº 895 de O Livro dos Espíritos [2] questiona: Postos de lado os defeitos e os vícios acerca dos quais ninguém se pode equivocar, qual o sinal mais característico da imperfeição? [...] “O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro”.

Outro aprendizado que pode ser destacado é o de que quando o indivíduo abre a morada do seu coração, de maneira verdadeira, para receber as orientações de Jesus, o caminho fica mais suave e o fardo mais leve. Na busca por essa mudança, é necessária esperança e força de vontade para alcançar o objetivo da autorreforma. Zaqueu nos demonstra que o Evangelho de Jesus é o caminho para a nossa libertação e que devemos trabalhar para amalharmos essa conquista. Para isso temos que conhecer Jesus e deixá-lo entrar em nossa casa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, que teve como base a história de Zaqueu, propomo-nos a analisar os conteúdos contidos na descrição do encontro entre Zaqueu e Jesus, refletindo sobre a sua aplicabilidade em nossos dias. Analisamos os fatos históricos como pano de fundo aos relatos dos discípulos no Evangelho e à luz da literatura espírita, o que complementou nosso entendimento para elaboração das interpretações aqui compartilhadas.

Os aprendizados construídos neste estudo, permitiram-nos registrar as nossas impressões sobre o significado da atitude de Jesus, em relação a Zaqueu, e como esta lição pode nos proporcionar um direcionamento para encontrarmos meios edificantes para realizar nossa reforma íntima.

Entendemos que o chefe dos publicanos de Jericó, buscou se transformar a partir do seu encontro com Jesus. Zaqueu nos ensina que essas transformações devem ser realizadas com humildade, determinação, sincera vontade de mudar o modo de agir, perseverança nas atitudes de uma mente com ideias novas de compartilhamento, correção das faltas com as pessoas que nos rodeiam e manutenção do trabalho no bem.

Dessa maneira, devemos também empregar em nossas vidas as atitudes de Zaqueu, perseverando nas reformas que buscamos empreender em nosso íntimo, da mesma maneira que o apóstolo Paulo descreveu em sua Carta aos Hebreus (10:35-36): “Não percais, pois, a vossa segurança que tamanha recompensa merece. De fato, é de perseverança que tendes necessidade, para cumprirdes a vontade de Deus e alcançardes o que ele prometeu”. Refletindo sobre isso, pensamos que ainda hoje buscamos com grande dificuldade empregar estes ensinamentos em busca de nossa felicidade.

Concluimos, a partir das análises realizadas que devemos ter equilíbrio em relação ao valor que damos aos recursos financeiros em nossas vidas e a maneira como os utilizamos, pois, na verdade, são empréstimos de nosso Deus. Jesus viu em Zaqueu o desejo sincero de mudança, conforme os arrependimentos que ele trazia em seu coração. Nós também trazemos diversos arrependimentos por erros cometidos e a necessidade de muitos aprendizados, que somente se realizarão quando nos esforçarmos para isso, buscando: sintonia com o Evangelho, reconhecendo que é possível vencer os desvios de caráter e corrigir erros cometidos, além de reconhecer o encontro com Jesus como oportunidade de reajuste perante a Lei de Deus.

Esperamos que estas reflexões possam servir de estímulo constante e que tenham aplicabilidade em nosso cotidiano, para que todos nós possamos conseguir nossa reforma íntima e acender a nossa luz.

8. REFERÊNCIAS

- [1] BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1.ed. 7.imp. São Paulo: Paulus, 2011.
- [2] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4.ed. 4.imp. Brasília: FEB, 2017.
- [3] LIMA, Máriton Silva. *A administração pública nos tempos de Jesus*. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 20, n. 4408, 27 jul. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/40877>>. Acesso em: 22 Ago 2019.
- [4] LOBIANCO, Luis Eduardo. *O outono da Judéia (séculos IaC e IdC): Resistências e guerras judáicas sob o domínio romano. Flavio Josefo e sua Narrativa*. Dissertação de Mestrado UFF, 1999. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-1999_LOBIANCO_Luis_Eduardo-S.pdf>. Acesso em: 22 Ago 2019.

- [5] LOPES, Franciso Valter. *O sentido da Morte de Jesus de Nazaré*. Dissertação de Mestrado em Teologia. PUC/SP, 2011. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18299/1/Francisco%20Valter%20Lopes.pdf>>. Acesso em: 22 Ago 2019.
- [6] SILVA, Rosana Maria dos Santos. *A Judeia Romana: política, poder e desagregação econômica*. Publicações de Práticas discursivas, UFRJ.2017. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticas-discursivas/artigos/judeia.pdf>> Acesso em: 22 Ago 2019.
- [7] LABORDA, Sharon. *International Dictionary of Historic Places: Middle East and Africa* Volume 4 de International Dictionary of Historic Places, [org]. Trudy Ring, Ed. Taylor & Francis, 1994. Pág. 367-370. Disponível em: <<https://books.google.com.au/books?id=R44VRnNCzAYC&pg=RA1-PA367&dq=jericho+babylonian+ring&lr=#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 23 Ago 2019.
- [8] PORTO, Vagner Cavalheiro. *Imagens Monetárias Na Judéia/Palestina Sob Dominação Romana: A moeda na Judéia/Palestina entre os séculos II a.C. e II d.C.: Histórico e Análise*. Tese de doutorado em Arqueologia. USP 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-02072008-102459/publico/tdeVagnerCarvalhoPortoTomo1.PDF>>. Acesso em: 23 Ago 2019.
- [9] CHEVITARESE, André Leonardo & CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo. Ensaio sobre interações culturais no Mediterrâneo Antigo*. Rio de Janeiro-Piracicaba: Ottoni editora, 2003.
- [10] XAVIER, Francisco C. *Boa Nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37.ed. 5.imp. Brasília: FEB, 2015, p 149-154
- [11] KREMER, Frederico Guilherme da Costa. *Jesus de Nazaré: uma narrativa da vida e das parábolas*. 1 ed. 1.ª imp. Brasília: FEB, 2016. Pág. 256.
- [12] KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro.. 4 ed. 4. imp (Edição histórica).Brasília: FEB, 2014. 410 p.